

A partilha da Palestina segundo o imperialismo

Antonio Cícero Cassiano Sousa

Doutor em história e professor e pesquisador no CEPPE (Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais), ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro) e ETEAB (Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch), Rio de Janeiro, Brasil. antoniocicerocs@gmail.com

Resumo

O artigo aborda a partilha do Oriente Médio pelas potências imperialistas, a criação do Estado de Israel, a não solução para o problema da ocupação das terras palestinas e as distintas posições que as potências imperialistas assumem frente às lutas de libertação nacional na região, a crescente importância do petróleo e do complexo industrial-militar são também questões revisadas na bibliografia. Os referenciais teóricos partem dos conceitos de imperialismo, questão nacional e crise orgânica do capital. A hipótese central é que a questão palestina revela contradições particulares da luta de libertação nacional e da partilha da região e o resultado do trabalho foi a atualização do problema com vista a posteriores aprofundamentos.

Palavras-chave: questão palestina; Israel; lutas de libertação nacional; imperialismo; questão nacional; crise orgânica do capital.

Abstract

The article addresses the partition of the Middle East by the imperialist powers, the creation of the State of Israel, the non-solution to the problem of the occupation of Palestinian lands and the different positions that the imperialist powers take in the face of national liberation struggles in the region, the growing importance of oil and the military-industrial complex are also issues reviewed in the bibliography. The theoretical references start from the concepts of imperialism, national question and organic crisis of capital. The central hypothesis is that the Palestinian issue reveals particular contradictions in the national liberation struggle and the partition of the region and the result of the work was the updating of the problem with a view to further deepening.

Keywords: palestinian question; Israel; national liberation struggles; imperialism; national question; organic crisis of capital.

Resumen

El artículo aborda la partición de Medio Oriente por las potencias imperialistas, la

creación del Estado de Israel, la no solución al problema de la ocupación de tierras palestinas y las diferentes posiciones que toman las potencias imperialistas frente a la liberación nacional. Las luchas en la región, la creciente importancia del petróleo y el complejo militar-industrial también son temas analizados en la bibliografía. Los referentes teóricos parten de los conceptos de imperialismo, cuestión nacional y crisis orgánica del capital. La hipótesis central es que la cuestión palestina revela contradicciones particulares en la lucha de liberación nacional y la partición de la región y el resultado del trabajo fue la actualización del problema con vistas a una mayor profundización.

Palabras clave: cuestión palestina; Israel; luchas de liberación nacional; imperialismo; cuestión nacional; crisis orgánica del capital.

Introdução

O tema do presente artigo é a questão palestina vista a partir das lutas de libertação nacional desencadeadas no pós-guerra, confrontadas pela nova partilha do Oriente Médio. A crescente hegemonia dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra Mundial, onde se insere a criação do Estado de Israel, e a não solução para o problema da ocupação das terras palestinas e seu agravamento são as questões centrais. Como contraponto, o apoio da União Soviética às lutas de libertação nacional na região ajuda a dimensionar a complexidade do problema. O objetivo é fazer uma breve revisão bibliográfica, tendo como referenciais teóricos os conceitos de crise orgânica do capital, imperialismo e questão nacional, atualizando as questões mais importantes para futuros aprofundamentos.

A resistência do povo palestino se insere de forma muito particular nas lutas de libertação nacional do pós-Segunda Guerra Mundial; o momento é de afirmação dos povos de todo o mundo depois da vitória contra o nazifascismo. Foi essa conjuntura favorável que permitiu a criação do Estado de Israel em 1948, fortemente influenciada pela tragédia humana que representou o genocídio de milhões de judeus, ao lado de tantos outros milhões de vítimas da guerra, no território já ocupado há milênios por outro povo.

O agravamento da questão palestina, nos dias de hoje, não pode ser compreendida se não observarmos a nova ordenação da geopolítica internacional motivada pela crise orgânica do capital (investimento em trabalhadores menor que o investimento em máquinas e equipamentos no processo produtivo).

O período posterior à Segunda Guerra Mundial traz novas questões na geopolítica internacional que se interligam com a questão nacional e o imperialismo. Para tal um rápido apanhado em grandes traços. As nações se estruturam na época do capitalismo ascendente para combater o fracionamento feudal; na fase superior do capitalismo as nações se dispersam como os movimentos de imigração, trazendo a necessidade da unificação dos interesses do proletariado (Stalin, 1953, p. 289). Na fase atual do capitalismo, a nação sofre as contingências do avanço do imperialismo, com a formação de blocos e alianças regionais, e contradições com o imperialismo. As lutas de libertação nacional do pós-II Guerra Mundial provocaram nova onda de formação de Estados nacionais que herdaram condições determinadas pela colonização. Alguns desses

novos Estados foram estimulados pelo imperialismo com o objetivo de enfraquecer a autodeterminação e a independência de fato, como é o caso de Israel.

Desde finais do século, o imperialismo britânico vinha estimulando a instalação dos judeus na região; data desse período o crescimento do movimento sionista, organizado em torno da criação de um Estado nacional para os judeus; o movimento sionista¹, na sua vertente principal, está vinculado desde o nascimento aos interesses imperialistas britânicos e depois estadunidense, portanto, tem caráter colonialista e progressivamente instalou um regime de *apartheid* na Palestina. Autores alinhados à visão israelense procuram argumentar que o movimento sionista apenas comprou terras ou ocupou fazendas abandonadas, e quando admitem violência citam *três* aldeias palestinas massacradas (grifos nossos) (Margulies, 1979, p. 45 e 153-155). Há um argumento repetido com frequência de que os árabes pediram aos 750 mil palestinos que abandonassem suas casas para que eles fizessem a limpeza étnica e depois voltassem, como os árabes perderam, os enganados palestinos permaneceram nos campos de refugiados (idem, p. 119).

A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra imperialista travada pelos imperialistas da Tríplice *Entente* formada por Reino Unido, França e Rússia e os impérios centrais em torno da Tríplice Aliança formada pelo Império Austro-Húngaro, Alemanha e Império Otomano. Durante a guerra, os árabes combatem o Império Otomano com aspirações de conquista de um Estado árabe. No entanto, com a vitória da Tríplice *Entente* a partilha da região é feita entre Reino Unido e França, e as aspirações nacionalistas árabes são adiadas. Desde então, as duas potências promoveram divisões administrativas artificiais dos territórios ocupados. Esse domínio é contestado pela Revolta Árabe de 1936-39.

Durante a Segunda Guerra, Síria e Líbano conquistam sua independência, oficializada com a saída das tropas francesas em 1946. Os judeus sionistas também saem fortalecidos por terem lutado ao lado do Reino Unido – experiência que permitiu acesso a armas e treinamento fundamentais para as ações armadas contra os colonos palestinos, em que se destaca o grupo terrorista Haganah, futuro núcleo do exército de Israel (Cione, 2011, p. 17). Em 1952, o Egito conquista a “verdadeira” independência sob a liderança de Gamal Abdel Nasser, pois a emancipação de 1922 não atendiam aos interesses nacionalistas. A Palestina, no entanto, desde a década de 20, começara a receber número crescente de judeus estimulados pela Inglaterra, de maneira que sua população aumentou 9% ao ano entre 1922 e 1946 (Said, 2012, p. 20-21).

A morte de milhões de judeus na Segunda Guerra Mundial sensibilizou a opinião pública mundial, bem trabalhada pelo movimento sionista, para a criação de um Estado para o povo judeu. O desfecho é a decisão da ONU (Organização das Nações Unidas) de criação de dois Estados. Os grupos sionistas mais organizados que os palestinos se antecipam e declaram a criação do Estado de Israel em 1948. Estimulados pelo imperialismo britânico e com forte apoio financeiro do capital internacional, intensificam a compra de terras de árabes grandes proprietários e expulsam milhares de pequenos proprietários de suas terras por meio de ações terroristas, massacres e destruição.

Os árabes reagem e tem início o primeiro conflito que termina em 1949, com a

1 O sionismo reúne diferentes concepções políticas, da esquerda à extrema direita, diferenças que tendem a desaparecer com a hegemonia da extrema direita, que se observa na formação do Estado de Israel como regime colonialista, imperialista e de *apartheid*.

vitória das tropas de Israel, que amplia seu território com a ocupação de 78% das terras palestinas. A proposta da ONU de dois Estados naufraga e a guerra produz a primeira tragédia (*al Nakba*) de 750 mil palestinos refugiados em territórios de Estados árabes vizinhos, principalmente, na Jordânia, Síria e Líbano.

Se até a Primeira Guerra Mundial, o controle de mercados consumidores era a razão principal da presença do imperialismo, a descoberta do motor a combustão tinha elevado a importância do petróleo, o que explica a ocupação pelo Reino Unido de poços de petróleo ao sul da Pérsia (atual Irã), no início da guerra. A localização de grandes jazidas dessa matéria prima na região motivou o conflito quase permanente desde 1948.



O massacre de Deir Yassin ocorreu em 9 de abril de 1948, quando cerca de 120 terroristas dos grupos paramilitares sionistas Irgun e Lehi atacaram Deir Yassin, uma aldeia árabe palestina de cerca de 600 pessoas perto de Jerusalém.

As guerras israelense-árabes

A seguir breve panorama do conflito após a decisão da ONU de 1947 de partilhar a região em dois Estados.

A Guerra de 1948/49

Após a proclamação do Estado de Israel, em 1948, os árabes desencadearam a primeira reação geral ao invasor. A revolta árabe de 1936-1936 tivera como consequência sérias baixas e a desestruturação das instituições árabe-palestinas, o que facilitou que o conflito terminasse com a derrota das forças árabes. O território israelense é ampliado em 6.000 quilômetros e o drama dos refugiados aumenta. Como dito, acima antes da

guerra, os grupos terroristas israelenses (Haganah, Irgun e Stern) já tinham promovido a expulsão de mais de 700 mil palestinos.

A Guerra do Suez (1956)

O segundo confronto resultou da nacionalização pelo Egito do Canal de Suez; apoiado pela França e Grã-Bretanha, o exército de Israel vence o conflito, mas é obrigado a recuar pela pressão internacional, especialmente da União Soviética.

A Guerra dos Seis Dias (1967)

Desde 1966, começando com o ataque de Israel a Cisjordânia, a tensão entre os dois lados foi aumentando com outros ataques pontuais e deslocamento de tropas em direção às fronteiras até o ataque maciço de Israel em junho de 1967. A Guerra dos Seis Dias terminou com os árabes novamente derrotados. O exército egípcio fora destruído e Jordânia e Síria seriamente atingidas. A península do Sinai, Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém e as colinas de Golan são ocupadas. A derrota foi um sério revés na luta dos palestinos pela criação de seu Estado, no entanto, deixou a lição de que caberia a eles próprios a condução do processo, não poderiam depender tanto dos países árabes, como vinham fazendo. Na clandestinidade, Al Fatah, o principal grupo da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), decide continuar a luta armada contra Israel. No mesmo ano, surgia a Frente Popular para a Libertação da Palestina, dirigida por George Habashe. Em 1969, surge a Frente Democrática para a Libertação da Palestina, fundada por Nayef Hawatmeh. A situação que, em linhas gerais, vigora até hoje, com exceção da retomada de Sinai pelo Egito nos acordos de 1978, foi definida em 1967.

O conflito de 1973 ou Guerra do Yom Kipur

Nesta guerra, as perdas de Israel foram grandes e o mito de sua invencibilidade ficou seriamente abalado. O conflito de 1973 e o uso do petróleo como arma política pelos árabes fizeram a causa palestina ganhar maior projeção, simbolizada na fala de Yasser Arafat no plenário das Nações Unidas, em 1974, quando disse: “Vim trazendo um ramo de oliveira e o fuzil. Não deixem que o ramo de oliveira caia de minha mão”.

A Guerra do Líbano

A Guerra do Líbano (1982) desaloja a OLP da região. A ocupação israelense do sul do país motiva a organização do Hezbollah, que congrega os muçulmanos xiitas² à luta contra os ocupantes. Em 1985, Israel se retira do Líbano e terá que enfrentar nas terras ocupadas da Palestina.

² Xiismo é o ramo da religião muçulmana que considera Ali o sucessor de Maomé, particularmente influente no Irã atual e no sul do Líbano.

A Intifada de 1987

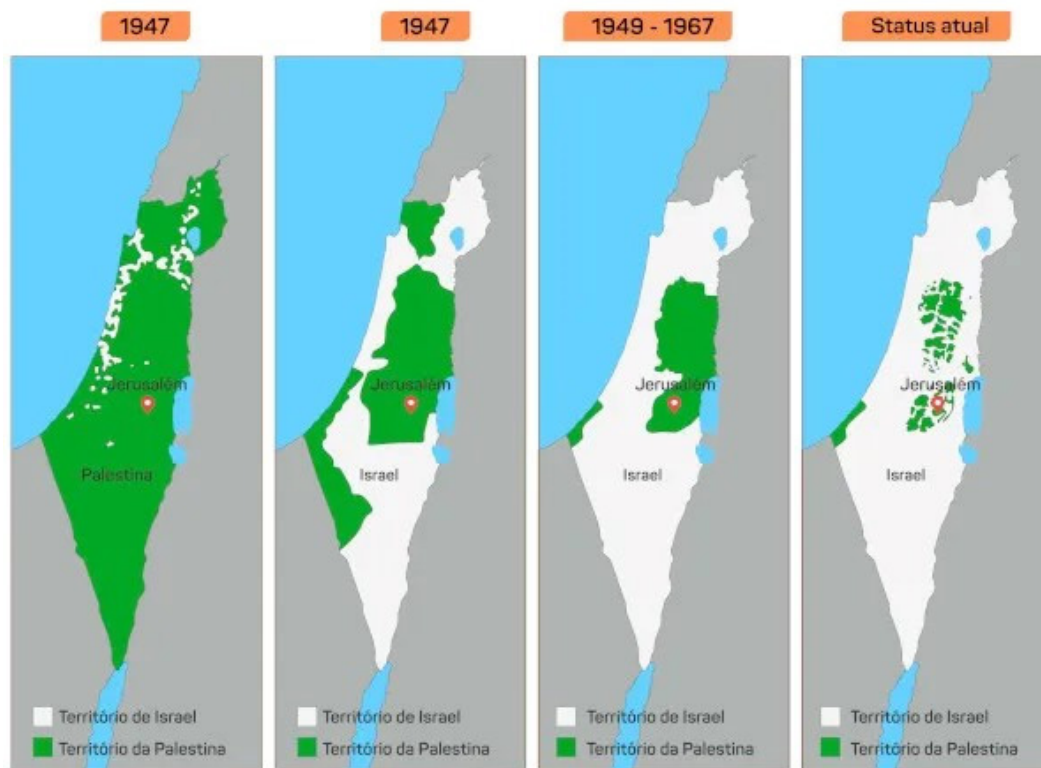
Depois de anos de vexames, revistas, desapropriações forçadas e abusos dos militares israelenses, a supremacia militar dos invasores foi posta em cheque pela revolução das pedras ou intifada, que significa revolta em árabe, iniciada em 1987. A violência israelense chegara a tal ponto que a revolta se generalizava, criando sérias dificuldades para as tropas ocupantes. A primeira pedra foi lançada por um jovem de 18 anos, indignado com a presença de militares no enterro de compatriotas vítimas de uma colisão de veículos. Da Faixa de Gaza, a revolta se expande para todos os territórios ocupados, colocando o exército israelense diante de uma difícil escolha: ou atira contra jovens, velhos e crianças desarmadas ou é obrigado a fugir.

Neste momento, a liderança da OLP estava exilada em Tunis, e perplexa com os novos acontecimentos, procurou dar direção política ao movimento. No entanto, a grande novidade foi o surgimento do Hamas³. A organização foi fundada pelo xeque Ahmed Yassin e estabelece sua identidade na fusão dos princípios religiosos muçulmanos com o programa de libertação nacional, definido na criação de um Estado palestino.

A Segunda Intifada

No dia 28 de setembro de 2000, o então primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, de forma acintosa, visitou Haram al-Sharif (local sagrado para os muçulmanos, pois dali Maomé teria subido aos céus) – foi o estopim para a Segunda Intifada, com a multiplicação de atentados a bomba contra Israel e o consequente aumento da repressão contra os palestinos. Em 2002, Israel invade os territórios palestinos. Quando Israel saiu da Faixa de Gaza em 2005, amargava a derrota do plano de colonização frustrado. Voltou em 2008/09 para submeter o povo palestino a novo massacre.

³ Hamas significa “zelo” em árabe e também é a sigla de Movimento da Resistência Islâmica.



Mapa das terras palestinas ocupadas desde 1947 até 2023. Nota-se que durante o ano de 1947 houve notável expansão das terras a serem destinadas ao futuro Estado de Israel, autodeclarado em 1948.

Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/palestina.htm>

Guerra, petróleo e complexo industrial-militar

A Guerra do Yom Kippur (1973) durou dezoito dias e, embora Israel saia novamente vitorioso, batalhas são perdidas, o que coloca em cheque o seu notável sistema de segurança e o prestígio das Forças de Defesa de Israel (FDI). Aparece em cena, um antigo personagem da trama – o petróleo, atuando como arma política e como defesa econômica dos países produtores; o embargo aos Estados Unidos e países que não apoiavam a causa árabe aprofundou a crise econômica que estava em marcha: o preço do barril de petróleo sobe de 1 dólar e 50 centavos em 1972 para 30 em 1980.

O petróleo, como matéria prima disputada pelas potências imperialistas, tem sido fator de desestabilização, como o caso do golpe contra Mohammed Mossadegh, no Irã, em 1953, por ter nacionalizado a indústria petrolífera. Da mesma forma, a Guerra do Golfo de 1991 contra o Iraque e o golpe contra Ghadafi, na Líbia, em 2011, não foram intervenções armadas para levar a democracia, mas para assegurar o livre trânsito do petróleo para os oleodutos das corporações (Moniz Bandeira, 2014, p. 137-138 e Ali, 2003, p. 190).

No geral, os países árabes tem aumentado seu controle sobre o petróleo, mas a riqueza, no entanto, não tem sido canalizada para melhorar as condições econômicas

da maioria da população, salvo exceções de regimes com melhor distribuição da riqueza, como a Líbia (hoje dividida entre grupos militares rivais) e Síria (ainda enfrentando o terrorismo “por procuração” dos grupos financiados pela OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte)). A distância entre a posse de bens materiais por parte das classes dominantes locais e da maioria da população tem aumentado; e o retorno das crises capitalistas apenas tem agravado esta situação. O petróleo e matérias primas são alvos do butim; pesquisas recentes feitas por geólogos e economistas da ONU confirmaram que nos territórios palestinos existem “reservas consideráveis de petróleo e gás natural”. Estes recursos estão localizados na Cisjordânia e na costa do Mediterrâneo, ao longo da Faixa de Gaza, e o governo de Israel tem revelado interesse em construir uma alternativa para o fornecimento de gás natural à Europa, em vista dos problemas que o conflito na Ucrânia trouxe para o gasoduto desenvolvimento pela Rússia.

Na confluência dos interesses nacionais e o imperialismo, o Egito oferece uma boa síntese, foi vanguarda da posição de não alinhamento até a morte de Nasser, e passa a partir de então a alinhar aos interesses dos Estados Unidos. O saldo da Guerra do Yom Kippur (1973) foi favorável, com a reconquista da península do Sinai, mas levou a posição de liderança.

A posição de Israel, por sua vez, é de o mais completo alinhamento ao imperialismo desde a década de 50, cumprindo importante papel na economia estadunidense, reproduzindo em escala local a aliança entre indústrias e militares⁴ –a perigosa aliança que denunciara Dwight Eisenhower em 1961:

(...) Esta conjunção de um imenso estabelecimento militar e uma grande indústria de armas é nova na experiência americana. A influência total - econômica, política, até mesmo espiritual - é sentida em todas as cidades, em todas as casas do Estado, em todos os escritórios do governo federal. Reconhecemos a necessidade imperativa desse desenvolvimento. No entanto, não devemos deixar de compreender suas graves implicações. Nosso trabalho, recursos e meios de subsistência estão todos envolvidos; assim é a própria estrutura da nossa sociedade. Nos conselhos de governo, devemos nos precaver contra a aquisição de influência indevida, quer seja procurada ou não, pelo complexo militar-industrial. O potencial para o aumento desastroso do poder extraviado existe e persistirá (...) (Eisenhower apud Araújo, p. 3).

A relação entre guerra e indústria, a princípio, não deveria suscitar perplexidades, como atividade produtiva humana, ela vai se cercar de características da produção em geral. O que tem levado a reflexões inquietantes é o crescente aumento da importância da indústria armamentista e sua relevância política.

De país isolacionista e sem indústria de armamentos, a partir da Primeira Guerra,

⁴ Os caminhões blindados, chamados de “caveirões” e outros equipamentos militares são produtos da indústria israelense usados nas nossas “faixas de Gaza”, testados inicialmente nos territórios ocupados e depois vendidos com a “eficácia” comprovada (Polícia Militar do Rio de Janeiro adquire 600 fuzis israelenses IWI Arad <https://www.infodefensa.com/texto-diario/mostrar/3923464/policia-militar-do-rio-janeiro-adquire-600-fuzis-israelenses-iwi-reequipar-bope> Acesso em 13/12/2023; De Gaza ao Rio: equipamentos de Israel globalizam terror <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerria/de-gaza-ao-rio-equipamentos-de-israel-globalizam-terror/> Acesso em 13/12/2023.

começa a inclinar-se para a guerra como atividade importante na sua afirmação econômica. Com uma indústria consolidada, pôde durante a Segunda Guerra converter a produção de automóveis na produção de tanques e aviões. No pós-guerra, aumenta de forma alarmante a indústria bélica, criando o que o presidente denunciou em 1960 (Cook, 1964 e Bevilaqua, 2017). O pós-guerra viu surgir o que se chamou de guerra fria⁵ e todo o corolário que permitiu inserir a guerra de tal forma na economia americana que hoje quase metade dos investimentos mundiais em armas estão nos Estados Unidos, investindo mais de 4% do PIB em armas, a ponto de chegar a mais de 3 trilhões de reais anuais (Abergaria, 2022, s/p.).

Para Israel, a guerra de 1967 trouxe advertência sobre sua fragilidade; a partir daí a intervenção estadunidense se faz permanente, com a ajuda dos Estados Unidos chegando a 5,1 bilhões em 1975, totalizando de 1967 a 1991, 77 bilhões de dólares (Said, 2012, p. XXVII).

De fato, a presença americana procura impedir um centro de decisão no mundo árabe, em razão das contradições e ambiguidades entre as burguesias árabes e o sionismo. Em 1973, esse centro se esboçou com o uso do petróleo como arma política, mas sua existência é limitada pela crescente intervenção estadunidense, apenas agravada com a dissolução da União Soviética e a vitória da aliança contra o Iraque em 1991. A guerra entre os Estados árabes produtores de petróleo e as grandes companhias petrolíferas prossegue, destacando-se a submissão completa da Arábia Saudita aos interesses dos monopólios até recentemente; e a relativa independência iraniana, recuperada com a Revolução Islâmica de 1979 (Hussein, 1977, p. 169 e 180-181).

A estratégia neoliberal no mundo se voltou contra países socialistas e nacionalistas, alimentando justas reivindicações, manifestações de massa foram organizadas e impulsionadas para derrubar governos não alinhados ao imperialismo, como o governo ucraniano de Yanukovich em 2013; na Líbia e na Síria a revolta armada foi arquitetada e financiada, principalmente por Estados Unidos, Arábia Saudita, Qatar, e Turquia (no caso da Síria) (Moniz Bandeira, 2014, p. 537). A resistência bem sucedida do governo sírio, auxiliado pela Rússia, e o insucesso de manifestações para desestabilizar o governo iraniano abrem novas perspectivas no mundo árabe e no Oriente Médio.

Conclusões

A dominação britânica na Palestina foi substituída pelos grupos terroristas que deram origem ao Estado de Israel, fortalecidos gradualmente, desde os anos 50 pela intervenção dos Estados Unidos na região. A presença estadunidense se deve a importância estratégica do Oriente Médio no fornecimento de petróleo para sustentar a matriz energética desse país, ao mesmo tempo, a sustentação do Estado de Israel alimenta o complexo industrial-militar, setor essencial da economia capitalista e de extrema relevância nos Estados Unidos. A economia desse país já é bastante atingida

⁵ Guerra fria é o conflito Estados Unidos e União Soviética, iniciado no pós-Segunda Guerra Mundial e encerrado com a desagregação desta última em 1991, caracterizado por não haver conflito armado entre as duas potências, mas crises e guerras localizadas onde interesses de ambos estão em jogo.

pelo desequilíbrio causada pelo maciço investimento em máquinas e equipamentos, que caracterizam os chamados países desenvolvidos. A guerra, com sua colossal destruição de forças produtivas, se torna uma das saídas para as crises.

Se o nacionalismo árabe se enfraquece com a política de aproximação EUA/URSS no início da década de 60, a sua desintegração, em 1991, abre as portas para a ofensiva neoliberal. As duas décadas seguintes foram marcadas pelo retorno das crises capitalistas e pelo recurso à guerra, dando fôlego ao complexo industrial-militar dos EUA, mas tornando este recurso cada vez mais destrutivo, graças ao fim da bipolaridade.

A desintegração da União Soviética e o avanço neoliberal contra os demais países socialistas e nacionalistas enfraqueceram grupos de resistência da primeira geração das lutas de libertação nacional do pós-Segunda Guerra Mundial. No cenário, ocupam lugar movimentos que unem religião e política, como o Hamas; não se trata de novidade na história das lutas de libertação nacional, pois a cultura comum, onde se incluem as religiões, é um dos traços característicos da nação, ao lado da língua, território e a coesão econômica.

A ação do Hamas em territórios ocupados por Israel inaugura um novo marco nas lutas do povo palestino, possível porque a hegemonia estadunidense se encontra ameaçada pelos problemas da crise orgânica do capital que atingem o âmago das economias desenvolvidas e pelo fortalecimento do multilateralismo que o BRICS demonstrou na XV cúpula, realizada de 22 a 24 de agosto de 2023, quando foram admitidos mais cinco países, entre eles Irã e Arábia Saudita. Assim o centro de decisão desta articulação vai além de fronteiras regionais e rivalidades estimuladas pelo imperialismo. A relação centro – periferia tende a ser cada vez mais conflituosa, pois é necessário ter países com média ou baixa composição orgânica do capital para permitir que capitais fluam para os centros capitalistas (Bevilaqua, 2017, p. 308), e o grau de autonomia decisório deve ser o menor possível para que isto seja viável. Alguns desses novos Estados, surgidos no pós-Segunda Guerra Mundial, como é o caso de Israel, foram estimulados pelo imperialismo ser muralha contra a autodeterminação e a independência dos povos. Na Palestina, isso se resume a colonização, ocupação militar e *apartheid*.

A unidade do mundo árabe tem sido inviabilizada pelas ações que se pautam em colonizar e estimular rivalidades étnicas e nacionais, como foi a criação do Estado judeu em 1948, já que judeus e árabes viveram em relativa harmonia ali há séculos e era possível a formação de estrutura estatal que refletisse esta comunhão de vida econômica; a divisão também foi artificial na criação de Estados, como Síria e Iraque; estas “independências” eram permitidas para não permitir a principal – o Estado Palestino, em razão da sua posição geopolítica de entrada e ligação entre Mediterrâneo e Ásia e localização próxima da região produtora de petróleo; assim o imperialismo britânico deixava a passagem livre para aquele que o sucederia. As condições para *nakbas* (catástrofes) estavam dadas. Não é possível aqui avaliar as imensas perdas em vidas na luta do povo palestino desde 1948 (nem as perdas de vidas de judeus), mas pode-se dizer que a responsabilidade por todas elas se deve à permanência do imperialismo no Oriente Médio, em particular, nas terras palestinas ocupadas pelo Estado de Israel.

A criação do Estado de Israel e a negação do Estado da Palestina é um exemplo das

mudanças trazidas pelo acirramento das disputas entre países imperialistas, países com posição intermediária e países dependentes e colônias. A Palestina não tem o *status* de colônia, mas assim é tratada pelo imperialismo dos Estados Unidos e de Israel.

Os palestinos prosseguiram, nos últimos anos, a longa e penosa resistência, enfrentando a invasão pelas tropas de Israel em 2014 os bombardeios frequentes e humilhações, que levaram ao ataque de 7 de outubro de 2023. Passados quase um mês do início da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, a partilha não é apenas uma palavra que significa divisão em partes dos bens econômicos roubados, é o resultado da lâmina afiada que cai sobre milhares de palestinos, homens, mulheres e crianças. Nova Guernica?

Cronologia

- 1916 Revolta árabe contra o Império Otomano;
- 1917 Declaração Balfour (apoio britânico aos sionistas de criação de um Estado na Palestina);
- 1922 Independência do Egito;
- 1932/1945 Independência do Iraque;
- 1943 Independência do Líbano e da Síria;
- 1946 Independência da Transjordânia;
- 1947 Inglaterra se retira da Palestina e ONU vota o plano de Partilha da Palestina;
- 1948 Proclamação do Estado de Israel; primeira guerra;
- 1949 Fim da guerra; al Nakba com o deslocamento de mais de 700 mil palestinos; independência da Líbia;
- 1952 Movimento militar derruba a monarquia egípcia;
- 1953 Nacionalização pelo governo iraniano da Anglo American Oil Company e queda de Mossadegh;
- 1956 Conferência de Bandung, na Indonésia;
- 1958 Golpe militar no Iraque apoiado por nacionalistas do Partido Ba'ath, comunistas e curdos;
- 1960 Fundação da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP);
- 1967 Guerra dos Seis Dias; novo Nakba, com o deslocamento de mais de 400 mil palestinos;
- 1973 Guerra do Yom Kippur; elevação do preço do petróleo de 1 dólar e 50 centavos em 1972 para 30 em 1980; embargo do produto para países que não apoiassem causa árabe;
- 1974 Fala de Yasser Arafat na ONU;
- 1978 Acordos de Camp David entre Egito e Israel;
- 1979 Revolução Islâmica no Irã;
- 1980 Iraque invade o Irã e tem início a guerra que vai até 1988;
- 1982 OLP é derrotada no Líbano e se retira para Tunis; Israel invade o Líbano e tem inícios as ações do Hezbollah; massacre de Sabra e Chatila;
- 1985 Israel se retira do Líbano;
- 1987 Início da primeira Intifada; fundação do Hamas;

1991 Guerra do Golfo;
1993 Acordos de Oslo;
1994 Criação da Autoridade Nacional Palestina;
2000 Cúpula de Camp David
 Eclode a Intifada de al-Aqsa;
2001 Atentado às Torres Gêmeas; início da Guerra contra o “terror”;
2002 A infraestrutura da ANP é destruída;
2004 Morte de Yasser Arafat;
2005 Israel retira as tropas de Gaza;
2006 Hamas ganha as eleições em Gaza;
2007 Israel bloqueia Gaza;
2010 Início da chamada “primavera” árabe (manifestações que levam à deposição do governo na Tunísia);
2014 Tropas de Israel invadem a Faixa de Gaza;
2020 Acordos de Abraão, aproximação entre Israel e países árabes;
2023 Operação Dilúvio de Al-Aqsa invade Israel por terra, ar e mar; o Estado de Israel começa a bombardear e reocupar a Faixa de Gaza.

Referências

ALBERGARIA, Danilo. Tensões políticas aumentam gastos militares. *Revista Pesquisa Fapesp*. <https://revistapesquisa.fapesp.br/tensoes-geopoliticas-aumentam-gastos-militares/>. Acesso em 14/12/2023.

ALI, Tariq. *Bush na Babilônia. A recolonização do Iraque*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARAÚJO, Maiara Lima. O complexo industrial-militar dos Estados Unidos pós-11 de setembro: o caso da Boeing. Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22040/3/Complexoindustrialmilitar.pdf>. Acesso em 14/12/2023.

AKCELRUD, Isaac. *O Oriente Médio. Origem histórica dos conflitos; imperialismo e petróleo; judeus, árabes, curdos e persas*. 2ª ed. São Paulo: Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1985.

BEVILAQUA, Aluisio P. *A crise orgânica do capital. O valor, a ciência e a educação*. Vol. I. Rio de Janeiro/Fortaleza; Editora Inverta/Edições UFC, 2017.

_____. Perspectivas para a luta contra o neoliberalismo no Brasil sob a conjuntura de crise orgânica do capital. In BEVILAQUA, Aluisio P., FRIGOTTO, Gaudencio, JESUS, Bianka, BEVILAQUA, Julia M. P. e ROCHA, Rafael (org.). *Perspectivas para conjuntura de Crise Orgânica do Capital nacional e internacional*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP: Inverta, 2020, pp. 156-220.

Mapa das perdas de terras palestinas de 1947 a 2023. <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/palestina.htm> Captado em 28 de outubro de 2023.

- CIONE, Vinicius. *Al Nakba. A catástrofe palestina*. Rio de Janeiro: Editora Inverta, s/d.
- CLEMESHA, Arlene Elizabeth. Os últimos dos excluídos: os refugiados palestinos. *Caros Amigos*, número especial, São Paulo: Casa Amarela, abril/maio de 2009, s/p.
- COOK, Fred J. *O Estado militarista*. 2ª ed. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- DAREN, Rawan. *Al Nakba*. Qatar, 2008. Duração: 1 h e 34 min.
<https://www.youtube.com/watch?v=-M9Hm49sS7Y&t=344s>
- GRINBERG, Keila. O mundo árabe e as guerras árabe-israelenses. REIS FILHO, D. e outros. *O século XX: o tempo das dúvidas*. Do declínio das utopias às globalizações. Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 97-131.
- HUSSEIN, Mahmoud. Sobre o Papel Ativo da Periferia – o Exemplo Árabe. In AMIN, Samir (org.). *A Crise do Imperialismo*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Graal, 1977, pp. 165-188.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. 3ª. ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- LENINE, V. I. Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. In *Obras Escolhidas*. Vol. 1. 3ª ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1986.
- LINHARES, Maria Yedda. *O Oriente Médio e o mundo árabe*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MARGULIES, Marcos. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1979.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MONROE, Elisabeth. El fin do domínio occidental. El siglo XX. Barcelona: Editorial Labor, 1974, pp. 171-190.
- ONU News. Territórios palestinos têm gás e petróleo que podem gerar centenas de bilhões de dólares. <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1685021>. Captado em 20 de outubro de 2023.
- PCML. Manifesto da Plataforma Comunista. Rio de Janeiro: Jornal Inverta/Editora Nova Victória, 2002.
- PCML. Teses sobre a situação política nacional e internacional. Rio de Janeiro: Inverta, 2016.
- SAID, Edward W. *A questão da Palestina*. Trad. Sonia Midori. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- SANTIAGO, Theo (org.). *Descolonização*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- SCALERCIO, Márcio. *O Oriente Médio*. Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SHARABI, Hisham B. *Nationalism and Revolution in Arab World*. Princeton: D. Van Nostrand Company, Inc., 1965.

STALIN, J. O marxismo e a questão nacional. In *Obras*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Vitória, 1952, pp. 278-348.

Territórios palestinos têm gás e petróleo que podem gerar centenas de bilhões de dólares. <https://news.un.org/pt/story/2019/08/168502>. Captado em 11 de outubro de 2023.